

O Rei da Rua

Jorge Fernando dos Santos

Projeto de trabalho interdisciplinar

Guia do professor

Este guia tem em vista uma reflexão mais aprofundada a respeito de uma das questões de fundo da obra *O Rei da Rua*: a passagem da infância para a adolescência. Tal reflexão deverá culminar na preparação de uma pesquisa sobre outros textos que também tratem dessa difícil porém rica etapa de nossa vida. As atividades aqui sugeridas estão divididas em três partes. Na primeira, procura-se motivar os alunos a ler integralmente o livro. Na segunda, o objetivo é trabalhar o livro tomando como ponto de partida o enfoque dado ao tema da passagem do tempo. Na terceira, buscamos orientar a pesquisa propriamente dita, que poderá culminar na produção de um jornalzinho.

Motivação para a leitura

1. Diga aos alunos que eles deverão ler um livro chamado *O Rei da Rua*. Pergunte-lhes o que esse título lhes sugere, como eles imaginam que seja a história, as personagens, etc.

2. Os itens abaixo são elementos do livro. Alguns são mais periféricos; outros, mais centrais no desenvolvimento da história. Copie-os na lousa e peça aos alunos que levantem hipóteses (oralmente, toda a classe participando) sobre sua possível participação no enredo. Depois, cada um deverá escrever algumas linhas, resumindo o que pensou a respeito:

- carroça puxada por burro
- parque de diversões
- ex-craque do futebol
- Condomínio Residencial Dallas
- amadurecimento
- greve de professores
- rivalidade
- Dorinha

3. Recolha os textos dos alunos e, em seguida, faça circular na classe um exemplar do livro, para que possam ter um primeiro contato com ele.

Do texto ao contexto: rito de passagem

4. Depois de corrigir as redações, devolva-as para os alunos, para que possam avaliá-las à luz do livro agora já lido. Abra o debate e peça a todos que façam um resumo da história, relacionando-a com os itens da atividade 2. É importante que você os ajude a perceber o que é periférico e o que é essencial.

5. É possível dizermos que *O Rei da Rua* é um livro sobre dois adolescentes, rivais e antagônicos, às voltas com seu crescimento, descobrindo que o mundo é grande e tendo que escolher de que modo enfrentá-lo. (Em outras palavras, pode-se dizer que o amadurecimento é um dos temas centrais desse livro.)

a) Peça aos alunos que, divididos em grupos, “releiam” o livro por esse ângulo e reconstituam as “etapas” desse amadurecimento.

Algo mais ou menos assim: Adilson é estudioso, bom filho, o “mocinho” da história; tem muitos amigos, mas não aceita se submeter às ordens de Chico Lampreia e acaba provocando-o (episódio da “morte” de Arnaldinho); ao ser desafiado para o jogo decisivo, pondera, reflete e acaba conseguindo a ajuda decisiva de João Silvino; no final, decreta que as ruas são livres e que todos os meninos podem brincar onde quiserem. Já Chico Lampreia, brigão, mandão e malvado, é o “bandido” da história; consegue tudo pela força; não sabe perder; no final, é consolado por seu pai. (É bom que os alunos ilustrem esse esqueminha – que, evidentemente, é apenas uma referência, e não a “resposta certa” do exercício – com exemplos do texto, indicando inclusive a página onde aparecem.)

b) Pergunte aos alunos o que cada um dos antagonistas aprendeu, no final da história. Pergunte-lhes também se eles se identificam com algum dos dois garotos, e por quê. Pergunte-lhes, finalmente, se eles acham que o livro tem uma moral da história, qual é ela e se eles se identificam ou concordam com ela.

6. Toda a história da rivalidade entre Adilson e Chico se dá, no livro, num espaço e num tempo precisos: o bairro Caiçara, em Belo Horizonte, na década de 1970. Peça aos alunos que, ainda divididos em grupos, observem e comentem os seguintes elementos, levando em conta o lugar e a época em que se passam:

a) as cenas familiares (diálogos dos garotos com os pais ou entre o pai e a mãe, hábitos implícitos, etc.);

b) as cenas de rua (o burro puxando a carroça, o parque de diversões, as brincadeiras, etc.);

c) as outras personagens adultas (o ex-jogador que é garrafeiro, o carroceiro, etc.);

d) Zé Bernardes (seu trabalho, suas atividades, etc.);

e) a greve dos professores;

- f) as meninas (que são bem poucas e não brincam nem brigam com os meninos – por que será?);
- g) o namoro com Dorinha.

O objetivo é que os alunos digam se tais elementos são próprios apenas do tempo e do espaço em que se dão os acontecimentos da história ou não, se há inverossimilhanças, etc.

7. Agora vocês vão trabalhar outro texto que também tem como elemento central a passagem do mundo infantil ao mundo adulto. Trata-se de uma dissertação, escrita pelo antropólogo Rinaldo S. V. Arruda, sobre o processo educativo por que passam as crianças da tribo dos Rikbaktsa, também conhecidos como Canoeiros, que vivem no noroeste do Estado do Mato Grosso. A ideia é fazer uma leitura *detalhada, coletiva e comparada* dos dois textos, que são muito diferentes, para que um sirva de espelho e contraponto do outro, estimulando, assim, uma reflexão mais aprofundada e mais crítica dessa difícil “passagem obrigatória” da vida – da infância à idade adulta. Tire cópias do texto e leia-o em voz alta para os alunos. Importante: providencie pelo menos um dicionário, para que os alunos possam esclarecer suas dúvidas.

Uma criança porta o nome que recebeu após o nascimento até receber outro, entre os 9 e 12 anos de idade. O critério não é a idade cronológica exata, mas o grau de aprendizado a que chegou. Entre os 3 e 5 anos o menino recebe um arquinho e flechas feitos por seu pai, começando a acompanhá-lo em pescarias e caçadas. Vai conhecendo a “fala” dos bichos (isto é, o modo como os animais se comunicam entre si, os sons que produzem e o que eles indicam), o nome e as características das plantas e árvores, a geografia local. Com 8-10 anos de idade já sabe fazer seu próprio arco e flechas, ainda que menores do que os de um adulto, usando-os com alguma maestria. Quando já sabe flechar bem, aos 11-12 anos, fura o nariz na festa do milho, na estação das chuvas, e ganha seu segundo nome, um nome intermediário entre seu nome de

criança e o de adulto, que portará mais tarde. Começa a frequentar a casa dos homens¹ durante o dia, aprendendo sobre as festas, sobre os mitos, a respeito da utilização de ervas medicinais; aprende a tocar flauta, fazer os enfeites plumários, arcos e flechas de adultos. Ao mesmo tempo, passa a assumir mais sistematicamente as responsabilidades de provedor de sua casa e aldeia, participando de todas as tarefas adultas.

Aos 14-15 anos de idade, quando já consegue matar bichos grandes, como porco-do-mato, anta, capivara, veado, etc., e já sabe o suficiente sobre as festas, passava pelo rito de perfuração do lóbulo das orelhas, que ocorria na festa grande, na estação da seca, ponto culminante do ciclo ritual anual. Este rito, que hoje em dia não mais acontece, introduzia o rapaz na classe de idade dos homens feitos. Já podia casar e também participar das expedições guerreiras que regularmente moviam contra os Cinta-Larga, outros grupos vizinhos e, depois, contra os seringueiros. Nessa fase recebia seu terceiro nome, logo após a perfuração de orelha ou depois de casar.

Atualmente, mesmo sem furar a orelha, os rapazes são considerados adultos quando agregam as condições adequadas de idade e aprendizagem, recebendo então seu terceiro nome, em geral depois do casamento. Alguns homens podem trocar de nome ainda mais uma vez, recebendo um quarto nome, quando forem homens maduros, donos de maloca com filhos crescidos, família grande e influência social. As mulheres também são nominadas da mesma forma que os homens, nas festas de derrubada, obedecendo porém a outros ritos de passagem.

Assim como os meninos, as meninas recém-nascidas recebem um nome clânico de criança. No passado, por volta dos 12 anos de idade, depois de menstruar pela primeira vez, as meninas furavam o nariz. Hoje, algumas furam e outras não. Nessa idade tomam “remédio do mato” para diminuir a dor do parto quando tiverem filhos.

Tradicionalmente, o pai decidia quando a filha iria receber as tatuagens faciais (“riscar o rosto”), o que ocorria na festa grande, na mesma ocasião em que os meninos tinham o lóbulo da orelha perfurado. A partir daí era considerada mulher feita, pronta para casar.

¹As aldeias tradicionais compunham-se de uma ou duas casas habitadas por famílias extensas (o dono da casa, sua esposa, filhos e filhas solteiras, filhas casadas, genros e netos) e uma casa dos homens (“rodeio” em português e makyry na língua Rikbaktsa), onde viviam os viúvos e jovens adultos solteiros.

Depois da perfuração de nariz a moça já podia receber novo nome, em geral dado depois de riscar o rosto ou logo depois do casamento. Não há a prática de reclusão das moças, a não ser nesse curto período. Não há também cabanas menstruais, nem se percebem regras de isolamento relativas à menstruação.

Hoje em dia, esse ritual de passagem não é mais praticado, assim como a perfuração do lóbulo de orelha dos rapazes e as expedições de guerra, nas quais o caçador formado tinha sua primeira experiência como guerreiro, completando sua formação de homem adulto. A experiência de guerreiro tem sido nos últimos anos a participação ativa dos jovens nas lutas para a recuperação e manutenção de seu território.

(www.socioambiental.org)

8. Diga aos alunos que eles deverão fazer com esse texto mais ou menos a mesma coisa que foi feita com *O Rei da Rua*, ou seja, uma leitura minuciosa, usando-o como janela para o contexto maior em que se insere, isto é, o modo de vida dos jovens Rikbaktsa. Sugestões de pontos a serem comentados:

- *rivalidade/violência*: aqui não há dois meninos rivais nem duas turmas, mas sim dois povos – os Rikbaktsa faziam regularmente “expedições guerreiras” contra os Cinta-Larga (e, mais tarde, contra os seringueiros), e isso era encarado como parte do rito de passagem para a idade adulta (tal prática, segundo o texto, foi abandonada);
- *nomes*: as pessoas recebem, então, quatro nomes durante a vida – o segundo deles com a mesma idade dos garotos de *O Rei da Rua*, que, por sua vez, têm apelidos (qual a diferença entre nomes e apelidos? Há apelidos próprios de crianças ou jovens, que nossa sociedade julga que não “caem bem” em adultos?);
- *escola*: não há, pois as crianças acompanham seus pais e aprendem na prática as coisas que precisam aprender (animais, plantas, geografia local); mas há também a “casa dos homens”, onde os meninos aprendem sobre festas e mitos (“matéria” que tal-

vez corresponda a História), flauta e arte plumária (aula de Artes?); seu principal aprendizado, porém, é diretamente ligado à subsistência: fazer arcos e flechas e caçar animais;

- *familia*: conceito pelo visto mais abrangente, com mais pessoas morando na casa (e outra divisão, já que existe uma “casa dos homens”);
- *lazer*: as festas “do milho”, na estação das chuvas, e a “grande”, na estação da seca, parecem ser de grande importância no convívio social (comparar com a função do parque de diversões);
- *animais*: parecem conviver mais de perto com os homens (e livres de arreios!), embora sejam seu alvo de caça;
- *vaidade*: talvez se possa olhar também por esse viés o hábito de perfurar nariz e lábios (como perfuramos orelhas) e as tatuagens faciais das meninas (como maquiamos o rosto);
- *as meninas*: os meninos Rikbaktsa recebem uma educação diferente das meninas (que não vão a uma correspondente “casa de mulheres”); o trecho citado não faz referência a namoro, mas sim diretamente a casamento (tão cedo!); a menstruação é um marco na vida das meninas (entre nós também?);
- *o tempo*: o texto faz referência ao tempo que passou – abandono ou substituição de ritos, luta atual pela recuperação do território perdido (o que terá acontecido com a terra deles?; vale a pena pesquisar), etc.

Evidentemente, essas sugestões devem servir apenas de referência para o debate com a classe, e não como “resposta certa” da atividade, pois o texto traz inúmeros pontos e detalhes que podem ser explorados, ainda mais quando encarado como “espelho” para *O Rei da Rua*. Além disso, talvez as crianças se interessem por saber mais detalhes a respeito desse povo, e aí vale a pena ler o texto todo, que traz outras informações muito interessantes.

Preparação da pesquisa e apresentação do jornalzinho

9. Peça aos alunos que se dividam em duplas para pesquisar e escolher um texto que também trate da passagem da infância para a juventude. Texto, aqui, deve ser entendido em seu significado mais amplo, isto é, pode ser um conto, uma crônica, uma letra de música, um filme, uma pintura, uma escultura, uma peça de teatro, uma propaganda, um artigo de jornal, uma dissertação acadêmica, etc. – tudo vai depender, inclusive, da disponibilidade (de tempo, de espaço, de recursos) dos alunos e da escola. Se achar conveniente, sugira aos alunos que peçam ajuda a professores de outras áreas (História, Geografia, Filosofia, Artes, Ciências, etc.), para que eles possam orientá-los nas pesquisas e na preparação do jornalzinho. Afinal, um texto é, também, um documento de uma época e de um lugar, e, como tal, pode ser explorado de diferentes ângulos ou formas, e o tema é muito rico de possibilidades. O importante é que as duplas façam uma pesquisa cuidadosa e uma leitura atenta do texto escolhido, que o analisem e interpretem, prestando especial atenção ao enfoque dado à passagem da infância para a juventude, tal como fizemos em relação a *O Rei da Rua* e à dissertação sobre os Rikbaktsa: as duplas deverão apresentar o texto escolhido para a classe, justificar sua escolha, levantar os pontos principais, abrir o debate com a turma, etc.
10. Finalmente, organize junto com os alunos um jornalzinho contendo os textos recolhidos por eles. Se os textos que trouxeram não forem verbais, como filmes ou peças de teatro, peça-lhes que redijam uma resenha sobre eles. Peça-lhes também que escolham um título para o jornalzinho.